

Uma página para cada leitor: A edição gráfica na construção do discurso do jornal impresso e sua relação com o receptor

Ana Cristina Spannenberg*
Universidade Federal de Uberlândia, MG/BR

Índice

Introdução	1
1 Discurso gráfico	3
2 Edição gráfica	5
3 Possibilidades de leitura	9
4 Considerações sobre o leitor construído	16
Referências	17

Introdução

MANIPULAR tipos, cores, tamanhos e formas para transmitir uma informação precisa e ser compreendido é o objetivo da composição gráfica. Porém, para muito além da simples ocupação do espaço na página impressa, ela também constrói um discurso, transmite

*Jornalista, professora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal de Uberlândia, mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA/2004) e doutora em Ciências Sociais (UFBA/2009). E-mail: anacristina@faced.ufu.br.

uma idéia e registra uma visão de mundo. A esta atividade denominamos “edição gráfica”.

Ao definir uma linha editorial, a publicação escolhe, explícita ou implicitamente, quais os critérios que irão nortear suas escolhas, tanto sobre que notícias serão ou não interessantes para seu público, quanto sobre que espaço de visibilidade será conferido a tais informações. A composição gráfica, neste sentido, torna-se uma importante ferramenta no momento de organizar graficamente a informação na página e ajudar a perceber de modo claro qual os critérios de noticiabilidade assumidos pelo periódico.

O pesquisador português Nelson Traquina (2005) define os critérios de noticiabilidade como o conjunto de características que confere a um fato o status de “noticiável”. Segundo ele,

a previsibilidade do esquema geral das notícias deve-se à existência de critérios de noticiabilidade, isto é, à existência de valores-notícia que os membros da tribo jornalística partilham. Podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. (TRAQUINA, 2005 : 63).

Ao colocar maior peso sobre um ou outro critério, a publicação hierarquiza seu conteúdo, de modo a mostrar para o leitor o que deve merecer maior ou menor atenção na sua leitura.

As escolhas se dão em diferentes níveis e podem implicar tanto a distribuição do conteúdo na página, quanto a manipulação/tratamento de materiais (ampliação ou redução de imagens, tamanho dos tipos utilizados nos elementos em destaque) ou a aplicação de cores. Assim, pode-se afirmar que as opções de composição da página, conduzem a leitura e podem determinar a importância conferida pelo veículo a determinado tema, bem como o modo de abordagem que se pretende com ele, se positiva ou negativa e, até, que tipo de leitura ela permite ou conduz.

No presente artigo, pretendemos mostrar como as opções gráficas são decisões que vão muito além dos aspectos estéticos da página jornalística impressa. Com elas, o veículo diz para seu leitor qual sua visão sobre determinado assunto e sugere-lhe um modo de se posicionar a

respeito. Além disso, pretendemos demonstrar que ao adotar determinadas características gráficas, as páginas de um jornal indicam ainda que tipo de leitura ele oferece e, em última instância, que tipo de leitor supõe. Para tanto, o texto está estruturado em quatro diferentes momentos. Inicialmente, discutiremos a função da composição gráfica na construção do sentido pretendido, depois, mostraremos como a edição gráfica atua nesta direção, conduzindo o leitor através dos elementos visuais. No terceiro momento iremos apresentar brevemente nossas propostas de estratégias de leitura, organizadas a partir da manipulação dos recursos visuais da página impressa para, finalizando, discutir o que tais possibilidades de leitura nos apontam.

1 Discurso gráfico

O primeiro contato do leitor com um texto escrito ocorre pela visão. É a partir da imagem textual, composta de diversos elementos, como tipos gráficos, fotografias, linhas, cores e formas que a atenção do leitor é “capturada” para uma posterior leitura do conteúdo. Esse processo leva alguns autores a considerarem a existência de um discurso gráfico, que proporciona uma outra leitura além da verbal.

O discurso gráfico é um conjunto de elementos visuais de um jornal, revista, livro ou tudo o que é impresso. Como discurso, ele possui a qualidade de ser significável; para se compreender um jornal não é necessário ler. Então, há pelo menos duas leituras: uma gráfica e outra textual. (PRADO apud SOUZA SILVA, 1985 : 39).

Essas duas leituras são explicadas por Abraham Moles (1974 : 49) pela existência de uma “superposição de duas mensagens distintas” em toda comunicação humana. A primeira mensagem carrega uma informação semântica, enquanto a segunda, uma informação estética. Embora superpostas, o autor considera que tais mensagens podem ser distinguidas pelo observador (cf. MOLES, 1974).

A informação semântica é aquela compreendida em um nível racional e estruturada através de “símbolos previamente codificados, manipulados com uma certa lógica, do domínio de um grupo relativamente amplo de indivíduos (uma matriz sociocultural) e que levaria de um para

outro desses sujeitos (fonte-receptor) uma certa mensagem de *caráter nitidamente utilitário*” [grifo no original] (COELHO NETTO, 1973 : 10). Já a informação estética é captada em um nível de percepção sensível, ativado pelos sentidos, retornando ao sentido grego da palavra estética, que decorre das palavras “*aisthanesthai* = compreensão pelos sentidos” e “*aistheticos* = que tem a faculdade de sentir” (COELHO NETTO, 1973 : 09).

A recepção da mensagem assim constituída foi tema de muitas discussões no campo dos estudos psicofisiológicos de percepção, dos quais valem ser destacadas as teorias da Exploração e da Gestalt. A primeira afirma que “as formas que atingem um receptor são abordadas analiticamente, divididas em várias seções a seguir meticulosamente estudadas, varridas pelo olho tal como uma câmara cinematográfica” (COELHO NETTO, 1973 : 29). Ao contrário, a Teoria da Gestalt acredita que uma “forma é percebida na sua totalidade, como um elemento único, como uma globalidade na qual submergem os detalhes” (COELHO NETTO, 1973 : 29)¹.

Acreditamos que, cumprindo a função de “capturar o leitor”, a composição gráfica da página do jornal é percebida primeiramente como um objeto único, para que, depois, sejam explorados seus detalhes. Falando sobre o anúncio publicitário, Moles explica que a composição gráfica possui justamente a função de atrair o olhar do leitor num primeiro momento, para que, posteriormente, ele se detenha na leitura do conteúdo. O autor explica: “o anúncio procura, de início, prender o leitor, depois retê-lo o tempo suficiente para permitir-lhe, eventualmente, ler um texto *interessante*” [grifo no original] (MOLES, 1974 : 215). Embasados pela Teoria da Gestalt, acreditamos que essa também é a função da composição gráfica no jornal impresso.

¹*Gestalt* é uma palavra alemã com difícil tradução para o português, aproximando-se mais das idéias de “imagem” e “forma” (cf. HURLBURT, 1989 : 136). O princípio que rege essa teoria, proposta por Max Wertheimer em um ensaio publicado em 1912 sobre a organização perceptiva, afirma que “o olho humano tende a agrupar as várias unidades de um campo visual para formar um todo” (HURLBURT, 1989 : 136).

2 Edição gráfica

A edição jornalística compreende a tarefa de gerenciar todo o processo de produção, desde a pré-produção do material, ou seja, da feitura das pautas e acompanhamento dos repórteres na apuração, até o fechamento, ou seja, a composição da página, distribuindo o conteúdo textual e gráfico no espaço redacional disponível. Esta tarefa pertence ao editor. Conforme o Manual de Redação da Folha de São Paulo,

a exposição hierárquica e contextualização das notícias e a distribuição espacial correta e interessante de reportagens, análises, artigos, críticas, fotos, desenhos e infográficos constituem a edição do jornal. Uma edição bem-sucedida tem por fundamento o desempenho jornalístico eficaz na apuração dos fatos, a disponibilidade de informações exclusivas, a redação correta e envolvente dos textos e a boa qualidade do material fotográfico e dos infográficos. Tudo isso concretiza-se em uma disposição planejada, organizada e criativa dos assuntos, feita com cuidado e acabamento visual, para conquistar a atenção do leitor e fazê-lo interessar-se pelo assunto tratado. (MANUAL, 2001 : 33)

Já a edição gráfica consiste na atividade de planejamento e execução da composição gráfica da notícia. O editor gráfico também deve acompanhar todo o processo de produção da notícia e, em parceria com o editor de texto, planejar graficamente como será dada a informação. Esse planejamento pode ser sintetizado em duas tarefas principais. Primeiro, o processo de pré-diagramação, que fornece ao repórter-redator uma delimitação espacial para seu texto e evita a necessidade de muitos ajustes no momento da editoração. Depois, a indicação, já no momento da pauta, das necessidades gráficas de imagens, fotografias e infografias, que devem ser produzidas no momento da apuração. Com esse planejamento prévio, o editor gráfico poderá pré-diagramar o material enquanto a apuração é realizada, a fim de acelerar o processo de editoração e garantir maior qualidade ao material final.

Em todas essas etapas, o papel do editor gráfico se destaca à medida que a composição gráfica é compreendida como uma organização discursiva, ou seja, como um fator decisivo na construção de sentidos

que conduz a leitura. Até a emergência do uso dos computadores para composição gráfica e editoração eletrônica de jornais e revistas, o papel do diagramador era restrito a distribuir na página o material recebido do editor de texto, procurando organizar do melhor modo possível e, quando necessário, fazendo algum ajuste. Atualmente, porém, diante das possibilidades tecnológicas, cada vez mais, percebe-se o papel da composição gráfica na construção do sentido pretendido pela notícia, ou seja, na construção de um discurso gráfico.

Na edição gráfica será necessário manipular uma série de elementos textuais e imagéticos a fim de construir o sentido pretendido, hierarquizando as informações de acordo com o projeto editorial e gráfico do veículo. Os itens que podem ser trabalhados, sempre preservando a identidade visual do veículo, são o sistema de paginação e os modos de colunagem previamente definidos, as famílias tipográficas adotadas para cada um dos elementos textuais a serem aplicados, o tratamento das imagens fotográficas e infográficas, a aplicação de fios tipográficos e vinhetas, o uso de cores, além dos usos destinados aos espaços brancos da página.

Um exemplo de tal papel pode ser facilmente percebido nas notícias publicadas pelos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* em 13 de agosto de 2002 sobre a morte da menina Tainá Alves de Mendonça que, com apenas cinco anos, foi atingida por um tiro. A morte ocorreu após uma briga de trânsito entre o tio de Tainá, em cujo automóvel a menina se encontrava e um outro motorista. A reportagem da *Folha de São Paulo*, publicada na editoria cotidiano, do primeiro caderno, trazia como título “Violência: Briga de trânsito mata Tainá, 5 anos”. Com um texto breve, localizado na parte inferior de uma página par, a notícia relatava o acidente que ocasionou a briga dos motoristas e a morte da menina e trazia algumas informações sobre a investigação do caso e a reação da família. Para acompanhar o texto, foi utilizada uma foto, disposta verticalmente em duas colunas ao lado esquerdo, com altura em torno de 6 cm. Provavelmente a imagem tenha sido disponibilizada pela família para os órgãos de imprensa, já que os dois jornais a utilizaram. Nela, a menina aparece sorrindo em plano fechado, pousando para a foto de uma agência de modelos infantis (Talentos Brilhantes).

Na reportagem do jornal *O Estado de São Paulo*, o mesmo fato é noticiado em texto que ocupa a capa do Caderno Cidades, destinado à matérias envolvendo segurança pública e violência. Aqui, a foto já mencionada ocupa lugar central, aberta em três das seis colunas que compõem a página, com altura de 10 cm. Além dela, mais duas fotografias são utilizadas na matéria, dispostas em tamanho menor, ao lado direito da principal: uma do carro dirigido pelo autor do disparo, que foi abandonado em uma rua após o crime; e outra da praça onde a menina morreu, após seu tio perseguir o carro que havia causado o acidente. Outro elemento importante na composição da página é o infográfico, localizado abaixo da fotografia principal, no qual o crime é reconstituído em quatro quadros acompanhados de legendas explicativas. Além desses elementos visuais, o título completa a construção de sentido pretendida: “Tiros no trânsito. E adeus Tainá, 5 anos”.

porém não pode perder tempo com muitos detalhes. Em *O Estado de São Paulo*, um leitor que possui um hábito de consumo próximo dos programas populares de televisão, nos quais as notícias de segurança pública são espetacularizadas, a fim de causar comoção e identificação no público.

3 Possibilidades de leitura

Além de construir um sentido determinado para o fato noticiado, a edição gráfica também atua criando diferentes modos de leitura para o conteúdo jornalístico. Em nossa pesquisa de mestrado, “A construção do leitor no jornal impresso [...]” (SPANNENBERG, 2004)², encontramos, entre outros elementos, o modo de composição gráfica como um dos fatores definidores da leitura de reportagens. Nesse sentido, propusemos dividir as reportagens em dois grandes grupos, a partir do tipo de leitura que elas oferecem e permitem ao seu leitor. No primeiro grupo encontram-se aquelas cuja notícia pode ser compreendida apenas com a leitura dos elementos em destaque, as quais chamamos de “leitura de atenção parcial”. O segundo grupo é composto por aquelas reportagens que exigem uma leitura integral do texto para compreensão do fato noticiado, que chamamos de “leitura integral”.

Seguimos, para tal definição, a proposta de Teun Van Dijk (1990, p.204), que considera que a disposição dos itens informativos permite que se criem diversas estratégias de leitura, entre elas a “leitura par-

²O trabalho “A construção do leitor no jornal impresso – Estratégias de construção da recepção dos gêneros artigo opinativo e reportagem nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo” foi desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (Facom/UFBA) sob orientação da prof. dr^a Itania Maria Mota Gomes e defendido em maio de 2004. Para realização da pesquisa foram coletadas e analisadas 20 edições dos jornais entre os meses de junho a dezembro de 2002, nas quais foram selecionadas 28 reportagens e 31 artigos opinativos, utilizando para isso as definições que José Marques de Melo (1994) e Luiz Beltrão (1976, 1980) fazem desses dois gêneros. A intenção dessa pesquisa foi identificar estratégias de construção da relação texto/leitor, usando como pressuposto teórico a idéia de que todo texto prevê sua recepção, construindo em si a imagem do seu leitor presumido, apresentada por diversas correntes teóricas, decorrentes de diferentes perspectivas (cf. CHARTIER, 1996; ECO, 1986; HARTLEY, 1982; ISER, 1996, 1999; MORLEY, 1999; VERON, 1985), e relacionar tais estratégias com as coerções de cada gênero jornalístico.

cial”, que dispõe as informações mais importantes na primeira parte do texto, permitindo que o leitor fique informado sem que faça uma leitura completa dele.

Observamos assim que a distribuição do tempo e da atenção dos leitores no contexto da leitura do jornal é uma explicação parcial da estrutura do discurso informativo e mostra porque os artigos jornalísticos têm esta forma específica. A maioria dos tipos de textos impressos restantes (novelas, contos, manuais, livros de texto, instruções, etc.) não têm essa estrutura e não possuem estratégias dominantes de leitura parcial. [...] Em outras palavras, tanto a estrutura como as estratégias de leitura da notícia na imprensa podem ser bem mais específicas. As limitações, não obstante, são sociais; o tempo, a situação e os objetivos da leitura controlam em última instância os limites da variação na distribuição da atenção. (VAN DIJK, 1990 : 204)

O primeiro tipo de estratégia de leitura registra uma maior ocorrência. Em nossa dissertação, ele atingiu 75% da amostra de reportagens. Entre os elementos de destaque que consideramos como itens informativos de leitura parcial temos o título, a linha de apoio, os olhos e as foto-legendas. Contudo, o elemento de maior destaque utilizado nessa estratégia são os infográficos. O que não é surpresa se levarmos em consideração que o próprio Manual de Redação da Folha de São Paulo determina que todas as informações que puderem ser transmitidas em forma de gráficos, não devem ser apresentadas como texto (cf. NOVO, 1992 : 122).

Essa opção demonstra uma postura do jornal em tentar didatizar as informações e torná-las de fácil e rápida compreensão para o leitor. Além de facilitar a recepção da informação e suavizar a leitura, o gráfico também atua como isca para que o leitor possa, talvez, deter-se um pouco mais e fazer uma posterior leitura integral (cf. MOLES, 1974). Exemplos bastante claros desse tipo de reportagem podem ser encontrados na amostra. A reportagem “O exterior se abre para as jóias do Brasil” (OESP, 09/06/2002), publicada no caderno de economia, apresenta três blocos de texto, três fotos e um gráfico. A linha de apoio que acompanha a matéria do bloco principal informa: “Exportações de jóias

Embora sejam elementos importantes, os gráficos não são o único recurso utilizado nessa estratégia. Algumas reportagens conseguem oferecer essa compreensão superficial ao leitor apenas com a utilização de fotos e textos em destaque, como legendas e olhos. Um exemplo é a reportagem “Novo Lula divide ex-companheiros do ABC” (GLB, 09/06/2002), cuja linha de apoio é: “Do grupo de metalúrgicos presos com o petista em 80, cinco aprovam e cinco reprovam as mudanças no PT”.

Dois blocos de texto são apresentados, o principal com três intertítulos: “Menezes dividiu a cela com Lula”, “Fundador hoje está no PSDB” e “Bom: o partido se aprimorou”. O segundo bloco tem como título “Maioria foi condenada a três anos” e oferece informações sobre o processo respondido pelos metalúrgicos em 1980, durante a greve geral da categoria. Uma foto principal, em preto e branco, mostra o então candidato à presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, com ar abatido, esfregando os olhos de cansaço, e seus colegas metalúrgicos em uma reunião, na década de 80 e traz como legenda: “LULA (à esquerda), Gilson Menezes (o segundo à esquerda), Rubens Teodoro Arruda (o quarto) e outros dois sindicalistas na época da condenação”.

analisadas, é formado por aquelas que não oferecem uma compreensão da notícia apenas com a leitura dos elementos em destaque. Nesse caso, a leitura do texto é fundamental para sua compreensão. Exemplo de tais matérias pode ser a reportagem “Notícias de uma guerra particular” (FSP, 11/09/2002), que traz uma composição gráfica diferente das outras páginas do jornal, alinhada com o conjunto que faz a cobertura especial da celebração de um ano dos ataques terroristas aos Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001. São seis páginas dedicadas ao assunto, com o total de 12 textos, entre eles uma reportagem, um artigo e uma entrevista.

Nas duas fotos superiores que ocupam toda a extensão horizontal da mancha gráfica, imagens de uma criança chorando e do buraco causado pela destruição das duas torres do *World Trade Center* (WTC), abaixo delas as legendas, “Menina que perdeu irmã nos ataques chora diante de estação de metrô do World Trade Center” e “Turistas sob a faixa ‘nunca esqueceremos’ observam o buraco no Ponto Zero em Nova York”. Acima das fotos, uma linha em tom de cinza escuro com o selo da cobertura (“11.09 – Um ano depois”) e, ao lado, a frase “‘Agradecemos o carinho, mas, por favor, chega de presentes’ – Michael Bloomberg, prefeito de Nova York”. Essa frase, que assume a função de um olho, é uma das duas únicas referências que os elementos em destaque fazem ao texto.

Em tamanho maior, bem ao centro da página, a foto de um homem, com uma criança no colo, apontando para uma bandeira americana, sob a legenda: “Pai e filho observam uma bandeira dos Estados Unidos feita de retalhos durante cerimônia em East Meadow, em Nova York”. Sobre a foto, um olho com o seguinte texto: “O GOLPE [em destaque, letras vermelhas, caixa alta] – O mendigo Charles Israelian, 45, jamais pisou no WTC. Quando as torres caíram, no entanto, ele aproveitou a comoção em uma cidadezinha perto de Nova York para ganhar algum dinheiro. Arrumou um uniforme de bombeiro e passou a bater nas portas das casas. Ele pedia doações para o filho de um bombeiro morto, seu ‘amigo’. A combinação de vaidade e sentimento de culpa foi fatal: ele convenceu entre 150 e 200 pessoas até ser preso [em letras pretas, caixa baixa].” Esse é o segundo elemento em destaque que remete ao texto.

4 Considerações sobre o leitor construído

Essa diferenciação em dois tipos de reportagem pode ser um fator importante para pensar sobre o leitor que cada uma prevê. Roger Chartier afirma que “a organização tipográfica traduz, claramente, uma intenção editorial” (1996 : 97). O autor usa como exemplo disso o sucesso da Biblioteca Azul e como ela cria protocolos de leitura diferenciados através da composição gráfica. A Biblioteca Azul era uma coleção de livros, impressos na França do século XVI, organizados para facilitar o acesso à leitura de clássicos da literatura não acessíveis ao grande público. Entre as estratégias utilizadas para facilitar essa leitura estavam a ampliação dos capítulos e dos parágrafos, que deixa o texto aparentemente mais leve de ler, a criação de resumos que retomam a narração do capítulo anterior no início de cada novo capítulo, a supressão de ações não essenciais à trama e de descrições minuciosas, bem como a modernização da linguagem. Chartier explica que essas modificações eram feitas pensando em “uma leitura que não é virtuosa nem contínua, mas que toma e deixa o livro, que apenas decifra facilmente seqüências breves e fechadas, que exige sinalizações implícitas” (CHARTIER, 1996 : 101).

Poderíamos supor que as reportagens que oferecem uma leitura de atenção parcial são destinadas a um leitor apressado e não especialista no assunto. Alguém que precisa estar informado sobre os fatos, porém não possui tempo para ler grandes textos, possivelmente acostumado à linguagem visual da televisão, cujas imagens, aparentemente, são suficientes para informar. Entretanto, essa mesma construção pode servir de armadilha para capturar a atenção de um leitor menos apressado que, a partir da leitura desses elementos, se interesse pelo texto maior.

Já aquelas reportagens que exigem uma leitura integral, estão geralmente ligadas a espaços especiais, como coberturas de grandes eventos e cadernos especializados. Nesses casos, podemos supor que a estratégia é diferente, já que tais espaços são buscados justamente para a obtenção de informações mais aprofundadas, diferentes daquelas obtidas nos noticiários cotidianos. Por tal motivo, o texto que compõe esse tipo de material não precisa de armadilhas para atrair seu leitor, nem tampouco oferecer informações rápidas que substituam uma leitura mais detalhada. A “isca”, poderíamos dizer, será o próprio espaço, a lo-

calização da matéria na seção específica dentro da macro-estrutura do jornal.

A relação que se estabelece com o leitor é, portanto, diferente nos dois casos. Nas reportagens de leitura de atenção parcial as informações são oferecidas, mas há sempre a possibilidade de uma leitura integral do texto, afinal, é esse o objetivo de sua existência. De um modo ou outro, o leitor é informado sobre o fato noticiado, entretanto, tem a liberdade de escolher a forma com a qual quer obter essa informação. Já as reportagens de leitura integral restringem as opções do leitor, pois exigem que a leitura seja, no mínimo, iniciada para a descoberta da notícia.

É claro que o leitor tem sempre a opção de desistir no meio do texto, de ir direto ao final ou ler apenas algum item que chame mais sua atenção. Nossa proposta, entretanto, não se foca no uso que o receptor fará do texto que lhe foi oferecido, mas em como os veículos podem, a partir da seleção de determinados recursos gráficos, conduzir o tipo de leitura que se fará da reportagem. Não acreditamos que a composição gráfica pode, sozinha, determinar a interpretação de uma notícia ou o modo de sua leitura, mas esperamos ter demonstrado que esse fator não pode ser ignorado ao fazer a análise da construção de um discurso jornalístico e que a composição de uma página impressa excede em muito as questões meramente estéticas.

Referências

- COELHO NETTO, J. Teixeira. (1973) *Introdução à Teoria da Informação Estética*. Petrópolis : Vozes. Coleção Textos Introdutórios.
- CHARTIER, Roger. (1996) *Práticas de leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo : Estação Liberdade.
- HURLBURT, Allen. (1989) *Layout: o design da página impressa*. 2.ed. Trad. Edmilson O. Conceição e Flávio M. Martins. São Paulo : Nobel.
- MACHADO, Jessika. (2008) “Estética Editorial”. In: IX Copngresso

de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste. Dourados, 5 a 7 jun 2008.

MANUAL de Redação Folha de São Paulo. (2001) São Paulo : Publi-folha.

MOLES, Abraham Antoine. (1974) *O cartaz*. Trad. Miriam Garcia Mendes. São Paulo : Perspectiva / Editora da Universidade de São Paulo. Coleção Debates.

NOVO Manual de Redação Folha de São Paulo. (1992) São Paulo : Folha de São Paulo.

SOUZA SILVA, Rafael. (1985) *Diagramação: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa*. São Paulo : Summus. Coleção Novas Buscas em Comunicação.

SPANNENBERG, Ana Cristina M. (2004) *A construção do leitor no jornal impresso – Estratégias de construção da recepção dos gêneros artigo opinativo e reportagem nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação / Universidade Federal da Bahia, Salvador.

TRAQUINA, Nelson. (2005) *Teorias do Jornalismo – A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis : Insular. Volume II.

VAN DIJK, Teun. A. (1990) *La noticia como discurso – Comprensión, estructura y producción de la información*. Barcelona : Paidós.

Periódicos

DÁVILA, Sérgio. “Notícias de uma guerra particular”, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 11 set 2002, p. A10.

FRANCO, Carlos. “O exterior se abre para as jóias do Brasil”, *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 9 jun 2002, p. B8.

FREIRE, Flávio. “Novo Lula divide ex-companheiros do ABC”, *O Globo*, Rio de Janeiro, 9 jun 2002, p. 12.

PITTA, Iuri; DIAMANTE, Fábio. “Tiros no trânsito. E adeus Tainá, 5 anos”, *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 13 ago 2002, p. C1.